

**ETNOGEO DIVERSIDADE EM COMUNIDADE TRADICIONAL DA BARRA DO RIO
MAMANGUAPE, MUNICÍPIO DE RIO TINTO, PARAÍBA, BRASIL.**

***ETHNOGEO DIVERSITY THE COMMUNITY OF BARRA DO RIO MAMANGUAPE, RIO
TINTO, PARAÍBA, BRAZIL.***

Submetido em: 31/07/2013.

Aprovado em: 19/10/2013.

PERAZZO¹, Ana Raquel Fernandes; MENESES², Leonardo Figueiredo de;
CAVALCANTE³, Marcio Balbino.

¹Graduada em Bacharelado em Ecologia – UFPB. Rua da Mangueira, s/n, centro, Rio Tinto – PB – CEP 58297-000. Telefone: (083) 88315002. Fax: 3291-1528/32911805. Email: aninhaperazzo@hotmail.com

² Professor do Curso de Ecologia – UFPB. Chefe de Departamento de Engenharia e Meio Ambiente – UFPB. Departamento de Engenharia e Meio Ambiente Campus IV- Rio Tinto, PB.

³Professor do curso de Geografia – UEPB. Departamento de Geografia Campus III- Guarabira, PB.

Resumo: O presente trabalho é um estudo de etnogeodiversidade, realizado na comunidade da Barra do Rio Mamanguape, Rio Tinto, estado da Paraíba, Brasil. Esta comunidade está inserida na Área de Proteção Ambiental (APA) da Barra do Rio Mamanguape, à cerca 50 km ao norte da capital, João Pessoa, e é formada por uma população fruto da miscigenação de índios potiguaras, negros e brancos. Possuindo diversos recursos geológicos, que são extremamente ricos e de suma importância, necessitando serem preservados e conservados. Dessa forma, este estudo teve como objetivo analisar a percepção social da comunidade da Barra do Rio Mamanguape, sobre os elementos da geodiversidade da região. No trabalho de campo para a coleta dos dados da etnogeodiversidade, realizou-se entrevista semiestruturada com 40 informantes. Os resultados obtidos mostraram que as informações referentes aos elementos da geodiversidade local, foram descritas de maneira muito ilustrativa pela maioria dos entrevistados, demonstrando um profundo conhecimento popular e percepção sobre esses elementos, como também aos recursos associados e os impactos socioambientais. O estudo desse conhecimento mostrou que o geoturismo e a educação ambiental são ferramentas que podem minimizar os impactos sobre o patrimônio geológico local.

Palavras – chave: Geodiversidade. Etnogeodiversidade. Patrimônio Geológico.

Abstract: The present work is a study of ethnogeodiversity conducted in the community of Barra do Rio Mamanguape, Rio Tinto, in the State of Paraíba, Brazil. This community is inserted in the Environmental Protection Area of Barra do Rio Mamanguape, around 50 km north of the Capital, João Pessoa, and is formed by a population that is the result of miscigenation of potiguara indians with black and white people. It owns several geologic resources that are highly rich and of utmost importance, in the need of being preserved and conserved. This way, this study had as goal to analyse the social perception of the community of Barra do Rio Mamanguape on the elements of the region geodiversity. In the field work for collecting data of ethnogeodiversity, it was done semistructured interviews with 40 informants. The results obtained showed that the informations referring to the elements of local geodiversity were described in a very illustrative manner by the majority of the interviewed, showing a deep popular knowledge and perception of those elements, as of their associated resources and the socio-environmental issues. The study of this knowledge showed that the geo-tourism and the environmental education are tools that can minimize the impacts on the local geological heritage.

Keywords: Geodiversity. Ethnogeodiversity. Geological Heritage.

INTRODUÇÃO

A geodiversidade consiste na variedade de ambientes geológicos, fenômenos e processos ativos que dão origem a paisagens, rochas, minerais, fósseis, solos e outros depósitos superficiais que são o suporte para a vida na Terra (Gray, 2004). O termo ainda é recente na literatura, porém a geodiversidade vem ganhando destaque, sendo explorado nos dias atuais pela sociedade científica a fim de avaliar e qualificar os recursos geológicos para se propor métodos de geoconservação.

Estudos de avaliação e qualificação de um território com base na geodiversidade não constitui tarefa simples, além das atividades de campo, muitas vezes são necessários investimentos financeiros e humanos. Outro fator é que muitos dos recursos geológicos foram explorados e esgotados mesmo antes de serem conhecidos e classificados, sendo uma perda enorme para a sociedade científica (Perazzo & Meneses, 2012).

Segundo (Brilha, 2005, p.190) a geodiversidade apresenta valores bastante significativos para a sociedade, apresentando valores intrínseco, cultural, estético, econômico, funcional, científico e educativo.

Expressando interações entre o homem e a natureza, é de suma importância envolver estudos das etnociências para auxiliar e resgatar o tempo perdido das pesquisas da geodiversidade, produzindo assim, alternativas para os paradigmas correntes, com efeitos benéficos para o conhecimento científico. A etnogeodiversidade é definida por Perazzo & Meneses (2013, p.28) como o estudo das interações entre o homem e a diversidade geológica no tempo e no espaço, incluindo usos, conhecimentos, crenças, sistema de manejo, sistema de classificação e linguagem das culturas tradicionais e modernas, ou seja, o conhecimento das conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito do meio abiótico e seus processos da sua comunidade, município, estado ou país, buscando registrar os conhecimentos e as atitudes dos indivíduos sobre a geodiversidade.

A Área de Proteção Ambiental (APA) da Barra do Rio Mamanguape, Rio Tinto, Litoral Norte Paraibano, possui diversos recursos geológicos, como praias arenosas com cordões de dunas, falésias, esporões arenosos e recifes areníticos, que são extremamente ricos e de suma importância, necessitando serem preservados e conservados, uma vez que trata-se de recursos não renováveis.

Criada com o intuito específico de conservar o Peixe-Boi Marinho (*Trichechus Manatus*) e seu habitat, garantir a conservação dos manguezais, dos remanescentes de Mata Atlântica e dos recursos hídricos; melhorar a qualidade de vida da população local e fomentar a educação ambiental e o turismo ecológico (Oliveira, 2003). A comunidade tradicional da Barra do Rio Mamanguape, encontra-se distribuída no interior da Área de Proteção Ambiental (APA), onde a comunidade existente na área é fruto da miscigenação por índios potiguaras, negros e brancos.

Sua população é extremamente pequena com aproximadamente 50 famílias, que totalizam cerca de 150 habitantes. Tendo estreita relação com os recursos naturais, essas famílias vivem há muito tempo na unidade de conservação e o acúmulo de práticas adquiridas por essa comunidade ao longo do tempo, tais como, pesca artesanal com redes feitas manualmente e utilização de recursos geológicos para se fazer tinta, entre outros é resultado de seus valores, de suas crenças, de suas descobertas e de suas vivências experimentadas.

A pesca artesanal e a mariscagem são os principais meios de subsistência para essas famílias, atividades essas que têm uma forte ligação com os recursos geológicos da APA da Barra do Rio Mamanguape, onde os mesmos vivenciam diariamente nesses lugares e sabem da importância desses recursos na região.

Dentre as possíveis formas de abordagens que envolvem populações humanas, recursos geológicos e cultura, a etnogeodiversidade tem se destacado como excelente

ferramenta de trabalho para avaliar e qualificar a geodiversidade, como também a importância do reconhecimento de práticas e conhecimentos de populações tradicionais para a geoconservação.

Tendo em vista a importância cultural e ecológica desta região, propõe-se com o presente artigo obter informações junto à comunidade da Barra do Rio Mamanguape, Rio Tinto, estado da Paraíba, Brasil, acerca do conhecimento tradicional que os mesmos possuem sobre os elementos da geodiversidade da região; visando analisar o perfil social dos moradores através de entrevistas semiestruturada a partir do tema geodiversidade e estudar o conhecimento ecológico local dos moradores envolvidos na pesquisa.

MATERIAIS E MÉTODOS

Área de estudo

O presente estudo foi desenvolvido na comunidade da Barra do Rio Mamanguape, Rio Tinto- PB que reside dentro de uma Área de Proteção Ambiental (APA) federal, criada pelo Decreto da Presidência da República de nº 924 de 10/09/1993. Dentre os objetivos da criação desta Unidade de Conservação de Uso Sustentável, consta como principal a preservação da maior população existente de peixe-boi-marinho no Nordeste brasileiro. Situa-se no litoral norte do Estado da Paraíba, à cerca 50 km ao norte da capital, João Pessoa, e localiza-se entre as coordenadas geográficas 06°43'02" e 06°51'54" S, e 35°07'46" e 34°54'04" W. (Mapa 1).

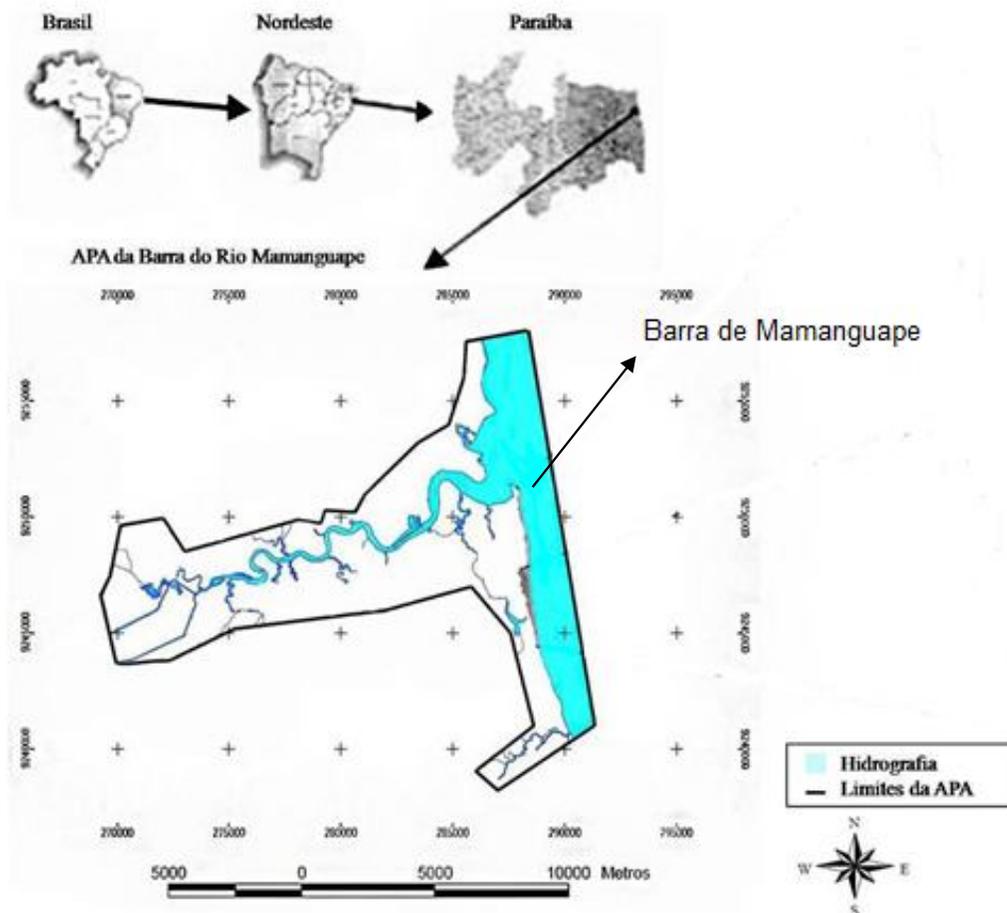


Figura 1 Mapa de localização da APA da Barra do Rio Mamanguape (Adaptado de MEDEIROS, 2011)

A região é drenada pelo estuário do Rio Miriri, que representa o limite litorâneo Sul e os estuários dos Rios Mamanguape e Estivas, que representam o limite litorâneo Norte, considerada assim a maior área conservada de mangue da Paraíba (Pereira & Alves, 2006). Os compartimentos geomorfológicos que integram a APA são os mesmos que existem na zona costeira do Estado da Paraíba e incluem as Planícies Costeiras e as Planícies Aluviais, que ocupam os terraços mais baixos, e o Baixo Planalto Costeiro que ocupa cotas topográficas mais elevadas (Rosa & Sassi, 2002).

A composição florística da APA é bem diversificada, constituída principalmente por um estrato arbóreo, arbustivo e subarbustivo, tendo sido registrado só na Mata do Oiteiro um total de 111 espécies, distribuídas em 92 gêneros, integrantes de 44 famílias (Pereira & Alves, 2006).

Procedimentos de Coleta dos dados

A pesquisa foi realizada nos períodos de junho a setembro do ano de 2012 junto à comunidade da Barra do Rio Mamanguape – PB, sendo quinzenal a frequência de visitas à área de estudo. Os dados foram obtidos e analisados mediante a aplicação de um conjunto de técnicas qualitativas e quantitativas descritas a seguir.

A coleta dos dados consistiu fundamentalmente na realização de entrevistas junto à comunidade, as quais eram sempre precedidas pela identificação do entrevistador, por uma rápida explanação sobre o trabalho e por um pedido de permissão para realização das entrevistas. Inicialmente foram realizadas entrevistas livres com informantes encontrados *ad libitum* (ao acaso), tendo por objetivo compreender de forma mais ampla o conhecimento dos moradores locais em relação à diversidade geológica da área da pesquisa.

De acordo com Mourão & Nordi (2006, p.358- 363), este tipo de entrevista é de extrema importância, pois permite ao entrevistado discorrer livremente sobre o assunto tratado. Por este motivo, muitos estudos etnobiológicos e etnoecológicos fizeram uso dessa

técnica, a exemplo de Araújo *et al.* (2005), Costa-Neto (1999), Mourão *et al.* (2006), Rocha *et al.* (2008), Thé (2003). Após esta etapa inicial, foram aplicadas entrevistas semiestruturadas com residentes locais, adotando técnicas do método do Diagnóstico Rural Participativo (DRP) (Verdejo, 2006), guiada por 11 perguntas-chaves para ao invés de confrontar as pessoas com uma lista de perguntas previamente formuladas, este método facilita criar um ambiente aberto de diálogo e permite à pessoa entrevistada se expressar livremente sem as limitações criadas por um questionário. O tema das entrevistas era voltado a recursos geológicos da região, englobando os seguintes aspectos: socioculturais, características geológicas, degradação e conservação. As entrevistas individuais ou coletivas, muito embora os tempos de cada sessão tenham sido variados, quase sempre, tiveram duração de 25 a 30 minutos. A amostra total foi de 20 pessoas, 11 homens e 9 mulheres. O material utilizado na pesquisa constou de um aparelho eletrônico mp4 para gravação das entrevistas e uma máquina digital para o registro fotográfico.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram entrevistadas 40 pessoas. A idade dos entrevistados variou de 15-72 anos. A faixa etária dos entrevistados da localidade estudada variou entre 15-55 anos (mulheres) e 18-72 anos (homens). Quanto à distribuição por faixa etária, a maior parte dos entrevistados se concentrou na faixa de 31 a 45 anos (40%), enquanto a menor faixa etária de idade dos entrevistados apresentava idade entre 15 a 30 (10%). Em

toda a localidade, a maioria dos entrevistados era casada oficialmente (90%) (Tabela 1).

	Parâmetros	Porcentagem (%)
Sexo	Masculino	70 (n=28)
	Feminino	30 (n=12)
Idade	15 – 30	10 (n=4)
	31 – 45	40 (n=16)
	46 – 55	15 (n=6)
	56 –72	35 (n=14)
Tempo de moradia	2 ¹ / ₂ – 25	5 (n=2)
	26 – 32	16 (n=8)
	33 - 50	47 (n=18)
	51 – 72	32 (n=12)
Profissão	Pescador/ Marisqueiro	74 (n=28)
	Agricultor	5 (n= 2)
	Comerciante	11 (n=6)
	Aux. de serviços	5 (n=2)
	Estudante	5 (n=2)
Estado Civil	Casado	90 (n=36)
	Solteiro	5 (n=2)
	União Estável	5 (n=2)
Grau de Escolaridade	Analfabetos	25 (n=10)
	1º grau incompleto	30 (n=12)
	1º grau completo	20 (n=8)
	2º grau incompleto	10 (n=4)
	2º grau completo	15 (n=6)

Tabela 1. Perfil social dos entrevistados
Fonte: Dados da Pesquisa, 2012

Em relação ao tempo de moradia, 32% dos entrevistados residem de 51 a 72 anos na Barra do Rio Mamanguape. A maior parte dos entrevistados 60% nesse estudo correspondeu a indivíduos do sexo masculino uma vez que estes eram os mais acessíveis a diálogos e aproximações. Em relação à profissão, 74% dos entrevistados são primordialmente pescadores e marisqueiras. Tal indicativo está direta ou indiretamente associada aos hábitos e culturas desses povos.

O nível de escolaridade é baixo, onde 30% possuíam ensino fundamental incompleto. Esses dados estão em concordância com Alves e Nishida (2003), os quais destacam que o abandono dos estudos e a inserção no mundo do trabalho resultam do contexto social e econômico em que essas comunidades estão inseridas.

Percepções gerais dos entrevistados quanto à geodiversidade

Partindo-se do princípio de que a natureza “*é vista como uma teia interconexa de relações, na qual a identificação de padrões específicos, como sendo “objetos”, depende do observador humano e do processo do conhecimento*” (Capra, 2006, p.49), os “objetos” utilizados na compreensão dessa teia de relações na comunidade foram: a percepção e conhecimentos da geodiversidade local, os recursos geológicos utilizados e a forma de utilização desses e as alterações causadas no ambiente de forma natural e/ou antrópica.

Os relatos dos entrevistados sobre os recursos geológicos da Barra do Rio Mamanguape condizem com o que existe na literatura, porém eles acrescentam, de forma preciosa, fatos vividos e aprendidos com os mais velhos, sendo de suma importância para compreender o ambiente. Apesar de muitos autores mostrarem a postura da sociedade com relação à desvalorização da diversidade geológica, a comunidade da Barra do Rio Mamanguape, tem muito conhecimento sobre o assunto,

talvez por habitarem em uma unidade de conservação e saberem da importância desses recursos e a necessidade de preservar esses ambientes.

Aqui tem as montanhas de areias que vai de Barra de Mamanguape até Lagoa de Praia. Agora já na Praia de Campina e Oiteiro é umas montanhas de barro e em Miriri são rochas (...) lá em Miriri tem te rocha de toda cor pra fazer tinta (Moacir, 54 anos, pescador).

As plantas é importante para segurar as dunas, lá tem animais que vivem desse lugar... lá tem cobra, lagarto, tartaruga, pássaros vindo de outros cantos. (Edinaldo, 32 anos, vigilante).

Essa montanha de areia é bom, que impede do mar invadir nossas casas, se não fosse ela essas casas que tem aqui não existia. Antes essas montanhas eram maiores, tinha mais planta, bicho (Zé, 65 anos, pescador).

Diante desse contexto, as dunas da Barra do Rio Mamanguape abrigam diversos indivíduos de fauna e flora que são dependentes deste ambiente para sua manutenção e desenvolvimento, sendo estes responsáveis por manter o ambiente em equilíbrio. Podem ser encontradas aves, répteis, anfíbios, mamíferos de pequeno porte e outros, como exemplos da fauna que pode habitar ou possuir associações com as dunas, além de espécies vegetais que colaboram com a ciclagem ambiental local (Medeiros, 2012). A vegetação predominante é rasteira (gramíneas) com a presença de algumas poucas moitas arbustivas.

Segundo Medeiros (2012) a análise visual do solo das dunas da Barra do Rio Mamanguape caracteriza-se por grãos mistos (finos e grossos), arredondados ou angulosos, de coloração esbranquiçada com predominância quartzosa e presença de carbonato de cálcio (conchas), matéria orgânica e minerais pesados. A vegetação

nativa desempenha importante papel na formação e fixação dessa estrutura, sendo uma vegetação formada por plantas adaptadas às condições ambientais extremas como salinidade, atrito dos grãos e movimentos de areia.

O solo dessas barreiras é bem clarinho e fino... Tem outros cantos por lá que é mais escuro... Não presta pra plantação... as plantas daquele lugar são própria daquele solo, solo seco e fraco né? Gosta de sal (Rita, 54 anos, Marisqueira).

A gente utiliza o solo pra construção, antes para plantação, mais hoje o povo da APA não permite (Luiz, 72 anos, Pescador)

Segundo a resolução nº 341 do Conselho Nacional do Meio Ambiente - CONAMA (Brasil, 2003), as atividades e empreendimentos turísticos sobre as dunas, só podem ser implementadas se forem declarados de interesse social e deverão estar previamente definidas e identificadas pelo órgão ambiental competente, com aprovação do Conselho Estadual do Meio Ambiente. Os empreendimentos só deverão operar mediante aprovação do Estudo de Impacto Ambiental (EIA). O CONAMA aponta como motivos para a preservação das dunas a sua importância no controle da erosão costeira, recarga de aquíferos e sua exuberante beleza cênica que gera atrativos para atividades turísticas. Ainda em pauta no Plenário o Projeto de lei nº 1.197 de 05/06/2003 (Brasil, 2003) que pondera que todas as dunas são ambientes territoriais protegidos e coíbe nestas áreas quaisquer atividades que venham a comprometer ou ameaçar a ciclagem ambiental. O projeto determina a obrigatoriedade da licença ambiental e de audiências públicas abertas à comunidade para a execução de atividades que venham a causar algum impacto ambiental em uma área de dunas.

Sobre as dunas e seus arredores, ocorrem diversas interações antrópicas, sendo estas associadas a uso e ocupação do ambiente. É possível observar a presença de lixo, causando danos a fauna e flora, poluindo aquífero subterrâneo e o solo, como também a proliferação de agentes patogênicos; outro impacto da ação antrópica está relacionado ao tráfego de veículos e de pedestres, degradando a vegetação rasteira, atropelando indivíduos da fauna, formando aberturas de trilhas, compactando o solo e alterando a dinâmica sedimentar e morfológica.

Em 95% (n=19), das entrevistas foram feitos relatos sobre a conservação das dunas, estes afirmam que as dunas da Barra do Rio Mamanguape não são conservadas e que estão em situação de abandono, onde existem vários impactos antrópicos com relação ao turismo e ao lixo descartado nas dunas e nos seus arredores.

A comunidade protege, os turistas não, fim de semana sempre tem moto, quadriciclo e bug correr por ali por cima dessas barreiras de areia, acabando com tudo, matando bicho, passando por cima das plantas, e depois vão simhora, fazer o que? (João Felizardo, 70 anos, pescador)

(...) O lixo que a gente encontra pelas barreiras não é da gente, ele é trazido pela maré de outros lugares... das bandas de Lucena e Cabedelo (Maria de Fátima, 45 anos, marisqueira)

Tem um povo que não é daqui que vem pra correr de moto, carro em cima dessas barreiras, que destrói tudo, acho que é por isso que tem pouca planta, (Luiz, 72 anos, pescador)

(...) Ali é muito bonito, é pra ser visitado, muitos turistas andam de moto e bug. (Marizete, 48 anos, marisqueira)

O manguezal constitui-se como principal fonte de subsistência para as comunidades, sendo um dos ecossistemas mais importantes da costa brasileira. Possuindo uma composição florística de manguezal, a comunidade retira lenha para construção de

casas e canoas, plantas para fazer remédio e tintas. Como também retiram crustáceos, peixes e moluscos para vender em cidades circunvizinhas. Outro ambiente natural citado pela comunidade foram os recifes areníticos, que impedem que a maré ganhe força total e atenua o processo de erosão costeira, sendo uma forma de proteção física para as dunas, além de constituir um habitat de diversos organismos tais como: lagosta, ouriço-do-mar, peixes, crustáceos, etc.

(...) É do mangue que tiramos nosso sustento, respeitamos o tempo de reprodução (...) tiramos, caranguejo, ostra, crustáceos e vendemos em Lucena, Rio Tinto, Baía da Traição (...) tiramos lenha para construção das casas e canoas, remédio que retirado de algumas madeiras e plantas, a argila e tinta (Jessica, 15 anos, estudante)

Os arrecifes é uma barreira de pedras, quando a maré seca da pra vê, lá tem lagosta, peixe, algas, moréia, polvo (...) é de lá que é tirado à comida do peixe boi (Moacir, 54 anos, pescador).

A barreira de pedra quebra a onda, protegendo as barreiras de areia (Zé, 70 anos, pescador).

Diante disso, a cultura popular tem como cerne o imaginário, o qual configura uma riqueza incomensurável, e é nesse cenário fértil que o imaginário popular atua, revelando sentimentos que desabrocham em lendas, mitos, contos, crendices, superstições e em outras belezas que retratam a nossa cultura (LÓSSIO, 2006). Dentre as inúmeras percepções relatadas sobre os recursos geológicos, foram obtidos relatos e testemunhos relacionados às crenças regionais, as quais fazem parte do ideário popular. Tendo uma relação com os recursos geológicos nasceram às lendas e os mitos, os seres mais relatados foram “Bola de fogo”, “Batatão” e “Lobisomem”. Muitos moradores já viram, acreditam na existência dessas entidades, porém outros não, e

embora não acreditem pelo fato de nunca terem presenciado nenhum episódio, mesmo assim temem seus encantos.

Eu já vi no berço da duna apareceu uma tocha de fogo, aumentando bem muito e depois some (..) tive muito medo (Josilane, 31 anos, Auxiliar de Serviços)

Eu não acreditava, quando o povo chegava contando que essa bola de fogo apareceu nas dunas no mangue e saíram correndo, eu só fazia rir, mais um certo dia de noite sai de noite de casa pra urinar quando vi uma bola tocha de fogo vindo em minha direção, ela queria me engolir, sai numa carreira me tranquei dentro de casa (Zé, 70 anos, pescador)

O lobisomem era um homem todo peludo que aparecia nas dunas e na praia vindo de Lagoa de Praia correndo atrás das pessoas (...) um dia meu sogro tava na praia e viu, ele saiu correndo atrás dele, ele ficou tão nervoso, chegou contando que escapou por pouco (Moacir, 54 anos, Pescador)

Nunca vi, mais muito antigamente o povo já falava em um Batatão, que vinha andando pela ruas com a roupa toda rasgada se amarrando em uma corda e dando nó, gritando e chamando nome com as pessoas depois ia em direção as dunas e sumia (Zé, 65 anos, Pesador).

A geodiversidade possui valores significativos para a comunidade de um modo geral, sendo estes valores classificados em intrínsecos (expressa à relação existente entre homem e natureza), cultural (originário de forte interdependência entre o desenvolvimento sociocultural e religioso), estético (belas paisagens), econômico (turismo), funcional (pode-se atribuir a várias utilidades), científico (análises estruturais, de formação), e educativo (compreendimento didático). Com isso as crenças, lendas e mitos podem ser componentes importantes dos valores culturais da geodiversidade de um lugar.

CONCLUSÃO

A riqueza do conhecimento local foi notadamente demonstrada ao longo de toda a experiência de campo. A comunidade da Barra do Rio Mamanguape mostra-se rica em paisagens que estão interligadas com as modificações naturais e antrópicas ao longo dos anos, na região. A comunidade local conhece essas paisagens e suas modificações e muito do que as compõem, principalmente, as dunas, os recifes areníticos e do manguezal, com suas particularidades. Verificou-se no decorrer da pesquisa uma supervalorização por parte da comunidade com relação à geodiversidade local, como também a ação antrópica em todo trabalho realizado foi a mais citada e explanada.

Algumas ações poderiam ser adotadas para minimizar os impactos ambientais, que as dunas vêm sofrendo. A fim de minimizar os impactos ambientais o geoturismo é uma ferramenta que visa à exploração sustentável do ambiente, considerando que a comunidade local vive basicamente da pesca, pois o único turismo que existia na região estava relacionado ao projeto peixe-boi, que hoje está desativado.

O geoturismo, portanto, é uma proposta de grande valia e de renda para comunidade, já que os mesmos poderiam ser os geoguias, pois têm muito conhecimento tradicional e cultural que deve ser reconhecido e admirado. Onde além de apresentar às paisagens

as comunidades turísticas eles podem contar suas vivências, os mitos e lendas que tem uma relação com as dunas.

A educação ambiental também é uma forma de minimizar os impactos causados, no entanto deve-se estender não só a Barra do Rio Mamanguape, mas também para os municípios de Lucena e Cabedelo, pois boa parte do lixo depositado na praia da Barra de Mamanguape vem desses municípios.

AGRADECIMENTOS

A comunidade da Barra da do Rio Mamanguape, pela educação, cordialidade, presteza, conhecimento e sabedoria.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, H. F. P.; LUCENA, R. F. P.; MOURÃO, J.S. (2005) **Prenúncio de chuvas pelas aves na percepção de moradores de comunidades rurais no município de Soledade/PB, Brasil.** Interciencia, v.30, n.12, p. 764-769.

BRILHA, J.(2005) **Patrimônio Geológico e Geoconservação:** A conservação da natureza na sua vertente geológica, Palimage Editora, 190p.

CAPRA, F. (2006) **A teia da vida:** uma compreensão científica dos sistemas vivos. Tradução: Newton Roberval Eicheberg, 10ª reimpr. Cultrix: São Paulo.

COSTA-NETO, E. M. (1999) **Cura com animais em Feira de Santana City, Bahia, Brasil.** *Journal of Ethnopharmacology*, v. 65, n., p. 225-230.

LÓSSIO, R. (2006) **Processo de Folkcomunicação.** Fundação Joaquin Nabuco. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/geral/folclore/lendastextos.pdf>>. Acesso em: 12 dez 2012.

MEDEIROS, S.C.O.(2012) **Caracterização das dunas da área de proteção ambiental da Barra do Rio Mamanguape, Rio Tinto-PB.**

MOURÃO, J.S.; ARAUJO, H.F.P.; ALMEIDA, F.S.(2006) Ethnotaxonomy of mastofauna as practised by hunters of the municipality of Paulista, state of Paraíba-Brazil. Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine, **v.2, n.19**, p. 7.

MOURÃO, J. S.; NORDI, N. (2006) **Pescadores, peixes, espaço e tempo: uma abordagem Etnoecológica.** Interciencia, **v.31, n.5**, p. 358-363.

PERAZZO, A. R. F. & MENESES, L. F.(2012) **Etnogeodiversidade e educação ambiental em área de proteção ambiental, na Barra do Rio Mamanguape, Rio Tinto-PB.** Resumo publicado em anais em 1º Encontro Regional de Ecologia, Natal/RN.

PERAZZO, A.R. & MENESES, L.F.(2013) **Etnogeodiversidade na comunidade da Barra do Rio Mamanguape.** Monografia. UFPB.

PEREIRA, M.S. & ALVES, R.R.N. 2006 **Composição Florística de um remanescente de Mata Atlântica na Área de Proteção Ambiental Barra do Rio Mamanguape, Paraíba, Brasil.** REVISTA DE BIOLOGIA E CIÊNCIAS DA TERRA, **Volume 6- Número 1 - 2º Semestre.**

ROCHA, M. S. P.; MOURÃO, J. S.; SOUTO, W. M. S.; BARBOZA, R. R. D.; ALVES, R. R. N. 2008 **Uso dos recursos pesqueiros no Estuário do Rio Mamanguape, Estado da Paraíba, Brasil.** Interciência, **v.33, n.12**, p. 903-909.

ROSA, R. S. & SASSI, R. 2002 **Estudo da biodiversidade da Área de Proteção Ambiental Barra do rio Mamanguape.** Relatório Técnico Final. IBAMA, CNPq. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba.

THÉ, A.P.G. 2003 **Conhecimento Ecológico, Regras de Uso e Manejo Local dos Recursos Naturais na Pesca do Alto-Médio São Francisco, MG.** Tese (Doutorado) - Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP.